

Recensão do livro “Cidade em Transição. Nobilitação Urbana. Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa¹”

Alda Teixeira Gonçalves², Instituto de Segurança Social, I.P., Portugal

Uma diversidade de Mundos Sociais

Lisboa é o território privilegiado, o palco empírico, que Walter Rodrigues estudou, aprofundadamente, no âmbito da sua tese de doutoramento e que culmina no livro que agora se apresenta. A inspiração subjacente à sua investigação revela-se quando o autor sublinha que “(...) na história da humanidade, a cidade constitui o palco, por excelência, da natureza sistémica da mutação societal e, portanto, o melhor laboratório para a observação e intervenção face à mudança.” (Rodrigues, 2010: 20)

Convoca e sintetiza correntes teóricas que se debruçaram sobre os conceitos mais influentes, sua evolução e interacção, os que mais interessam do ponto de vista da sua argumentação teórica, ilustrada com as dinâmicas urbanas de Lisboa, cruzando pontos de vista para conceber a sua própria perspectiva analítica. Faculta-nos assim uma revisitação e clarificação de conceitos inscritos na sociologia urbana, em interessante diálogo interdisciplinar com outros conceitos (nomeadamente da economia, da geografia, do urbanismo, da cultura), instrumentos que tornam legíveis os diversos mundos sociais que habitam as cidades e, particularmente, a de Lisboa.

O objectivo central da pesquisa, assumido no início, torna-se perceptível ao leitor, já que o autor se propõe “conhecer os perfis sociais dos protagonistas da revalorização da cidade e as dinâmicas urbanísticas, económicas, políticas e sociais, que estariam subjacentes a um reinvestimento na cidade interior e o seu progressivo abandono por parte de outros sectores socioeconómicos (...).” (Rodrigues, 2010: 3)

Prosseguir este objectivo implicou accionar uma diversidade de instrumentos metodológicos e de técnicas complementares: i) análise documental; ii) análise de estatísticas oficiais (INE); iii) análise de conteúdo de textos e de publicidade na imprensa; iv) realização de entrevistas semi-directivas a actores e informantes privilegiados, para melhor compreender as estratégias políticas e económicas face à cidade e v) realização de entrevistas semi-directivas focalizadas e em profundidade a residentes, os protagonistas de trajectórias de mobilidade residencial dentro da cidade e com origem nas periferias da metrópole.

Lisboa, a cidade em transição, é então revelada neste livro em duas partes: na primeira é discutido o referencial teórico geral sobre Cidade e Mobilidade, e na segunda são confrontados elementos teóricos e empíricos, para dar conta da *Nobilitação Urbana*³ e Estilos de Vida, conceitos centrais desta investigação. Por sua vez, cada uma destas partes é composta por dois capítulos, que se sintetizam em seguida.

O primeiro capítulo – Cidade e complexidade, no qual se problematizam os traços fundamentais da mudança societal em curso, organiza-se em torno de cinco conceitos fundamentais, tidos como os cinco eixos de mudança: globalização, flexibilidade, reflexividade, esteticização e individualização. Sublinhe-se que, de acordo com o

¹ Rodrigues, W. (2010), *Cidade em Transição. Nobilitação Urbana. Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*, Lisboa: Celta Editora.

² alda.m.goncalves@seg-social.pt; ampt.goncalves@gmail.com.

³ Refira-se que o conceito de nobilitação urbana traduz o de *gentrification*, noção que se centrava na qualificação do processo de mudança social e urbana, e surgiu em 1964, num estudo de Ruth Glass designado *London: Aspects of Change*. Em seguida, foi utilizado por diversos autores, mas observaram-se dificuldades de apropriação fora dos países anglófonos, pelo menos até meados da década de 1980. (Cf. Rodrigues, 2010: 110)

autor, não se esgotam, nesta obra, os múltiplos sentidos que tais conceitos/ eixos de mudança podem tomar. O capítulo termina “com a discussão do papel da mobilidade nas dinâmicas da fase actual de transição societal e profunda reestruturação das cidades, enquadrando essa discussão no papel que a mobilidade sempre teve na história da humanidade e, particularmente, no desenvolvimento urbano.” (Rodrigues, 2010: 9) E a discussão engloba dois tipos de mobilidade – física e virtual – que possuem grande relevância no debate sobre o binómio integração / exclusão social, na linha das propostas de Flamm e Kaufmann. (cit. por Rodrigues, 2010: 46)

No segundo capítulo – Cidade de fluxos e lugares –, esboçam-se as principais hipóteses sobre as mudanças urbanas actuais e os modelos de cidade que delas resultam. Parte da ideia inspiradora de Castells, de mudança de paradigma de um “espaço de lugares” para um “espaço de fluxos”, através quer da discussão teórica, quer dos estudos empíricos sobre transformações urbanas. Em termos conceptuais, a abordagem da cidade baseia-se nos tradicionais critérios dimensão, densidade e diversidade, propostos pelos autores clássicos da sociologia urbana. Em termos empíricos, o autor constatou a regressão demográfica da população do município de Lisboa, discutindo a concepção de cidade implícita nesse facto estatístico. Por fim, são explicitados os paradoxos subjacentes à encruzilhada na qual se situa, em termos gerais, a cidade europeia actual. Tais paradoxos são ilustrados com dados que permitem ao autor afirmar que “a cidade-região de Lisboa constitui, no actual quadro de hierarquização urbana, e na geoeconomia que se está a redesenhar, o único pólo urbano-regional nacional com alguma expressão, podendo ser um importante motor dos ganhos de competitividade e protagonismo do país naquela geoeconomia.” (Rodrigues, 2010: 10. Esta tese é sublinhada várias vezes ao longo do livro.)

No capítulo três – Nobilitação urbana –, é efectuada uma análise da mudança que os processos de nobilitação urbana geram, a partir das referências aos debates científicos surgidos ao longo de mais de 50 anos, por diferentes autores, de diferentes países. O decréscimo da população de Lisboa é o ponto de partida para dar conta das dinâmicas de recomposição social. Aqui se integra também a análise do conceito de nobilitação urbana, assim como a importância do alcance e significado de tais processos na actual cidade em transição. Nesta sequência, são explicitados os limites de uma leitura demográfica, baseados na quantificação populacional e questionados os “fluxos de mobilidade residencial”, a partir dos dados oficiais, tomados como indicadores da recomposição do tecido social da cidade. O autor chega então “à explicitação da perspectiva metodológica e conceptual em que se propõe que a nobilitação urbana, as transformações demográficas, e as mudanças mais vastas do tecido social e urbano da cidade, deverão ser concebidas.” (Rodrigues, 2010: 10) Observa-se ainda que os traços estruturadores das mudanças são multi-dimensionais e, portanto, económicos, políticos, urbanísticos, culturais e de estilos de vida.

Através do cruzamento de indicadores clássicos de recomposição social com indicadores demográficos de espacialização dos escalões etários e dos diferentes tipos de grupos domésticos, o autor concluiu que a cidade-região de Lisboa é uma “cidade diversa e desigual”, isto é, apresenta uma diversidade de modalidades de nobilitação urbana, assim como diversidade e desigualdade em termos de espacialização social.

Por último, o capítulo quarto – Estilos de vida, transição societal e reurbanização –, propõe uma perspectiva analítica das mudanças sociais subjacentes aos estilos de vida. Operam-se algumas clarificações conceptuais e metodológicas relativamente ao conceito de estilos de vida, num contexto de transição das sociedades europeias. Segundo Walter Rodrigues, tais clarificações assentam num trabalho de construção e reconstrução conceptual com o objectivo de ultrapassar algumas armadilhas teóricas e tornar os estilos de vida no eixo central da actual cidade em transição. Esta “(...) parece caminhar no sentido do crescente cosmopolitismo, como quadro de vida e como valor, que permitirá cumprir o projecto da modernidade como processo civilizacional no qual a liberdade individual, e a coexistência pacificada da pluralidade de estilos de vida, constituem o último patamar da dignificação do ser humano.” (Rodrigues, 2010: 11)

Em termos de organização, as duas partes e os seus respectivos capítulos ganham densidade à medida que se efectua uma leitura sequencial, a que melhor assegura a legibilidade global do livro permitindo, simultaneamente, desvendar traços característicos de Lisboa e despertar a reflexão sobre uma série de mudanças societais e urbanas em curso.

A Nobilitação Urbana e os Estilos de Vida

Os conceitos de nobilitação urbana e de estilos de vida são, sem dúvida, fulcrais nesta obra. Para melhor os clarificar e definir, o autor começa por identificar e problematizar os principais traços das mudanças sociais actuais, em geral e, particularmente importantes, na decifração de Lisboa como cidade em transição, a partir de cinco eixos ou conceitos, já referidos (globalização, flexibilidade, reflexividade, estetização e individualização).

A cidade contemporânea é multifacetada, complexa e diversa. É o lugar no qual a condição humana se foi transformando, no decurso do processo de urbanização⁴, em condição urbana. Como referem Lipovetsky e Serroy (2010) “o mundo torna-se uma cidade global”, na qual impera uma mobilidade crescente (física e virtual), que implica “geometrias variáveis de poder na vida quotidiana e (...) formas de estruturação social crescentemente determinadas pelas posições ocupadas pelos indivíduos nas estruturas da informação e do conhecimento” (Rodrigues, 2010: 47); onde se cruzam regiões, lugares e “não lugares” ou “quase lugares” (Ascher, 2007), isto é, espaços susceptíveis de produzirem encontros, interações e sociabilidades e outros sem tais capacidades. Este é o contexto privilegiado de emergência de sectores da nova economia global, baseados na informação e no conhecimento, e que permitem estruturar a “sociedade em rede⁵”, na qual “espaços de fluxos” (dominantemente intangíveis) e “espaços de lugares” (tangíveis), na acepção de Castells, coabitam. Observam-se, assim, mudanças com significativas implicações nos “modelos de societalização” das sociedades actuais.

Se a concepção, análise e o planeamento das cidades eram antes efectuados por relação aos “lugares físicos das transacções económicas e culturais e das interacções sociais” (Rodrigues, 2010: 45), às infra-estruturas, solos, edifícios, meios de transporte e vias nas quais circulam pessoas e mercadorias, hoje têm que integrar necessariamente as telecomunicações, isto é, os espaços de fluxos ou “espaços electrónicos (...)”, aparentemente livres de constrangimentos de tempo e de espaço” (Rodrigues, 2010: 45). Embora não se possa descurar a relevância da comunicação e das interacções face-a-face, nomeadamente no âmbito da transferência de conhecimento muito especializado no seio de redes de produção e de serviços avançados que operam nos CBD’s das grandes regiões urbanas.

Em síntese, após leitura e discussão sobre as complexidades das mudanças sociais, económicas, políticas, culturais e urbanas, e as dinâmicas urbanas, tendo em consideração contradições e paradoxos, assinalaram-se as diversidades em termos de crescimento urbano de acordo com os diversos contextos mundiais. A ilustração empírica do caso português e particularmente da cidade-região de Lisboa, à qual o autor procedeu, baseou-se numa análise documental e estatística. Nesta sequência, teria sido interessante explorar mais a informação qualitativa resultante das entrevistas.

Em seguida (Cap. II), demonstram-se as principais tendências da urbanização do séc. XXI, de alastramento urbano, de policentricidade e de mega urbanização, problematizadas e contextualizadas nos diferentes processos históricos mundiais de urbanização. O autor destaca ainda as especificidades da história da urbanização portuguesa do séc. XX e sublinha como são “desadequadas as leituras das actuais dinâmicas urbanas circunscritas a uma concepção de cidade baseada em delimitações administrativas ultrapassadas por aquelas dinâmicas.” (Rodrigues, 2010: 110) Um dos problemas centrais observáveis é, então, o da desadequação entre a “geografia de governo urbano” existente, por relação às exigências evidenciadas por uma “nova geografia da realidade económica e social da vida urbana.” (Rodrigues, 2010: 110). Assinale-se que, a par de uma leitura das dinâmicas urbanas da cidade-região de Lisboa, assente na constatação do decréscimo da população residente no seu centro principal, importa analisar as dinâmicas sociais, culturais e urbanas.

⁴ O processo de urbanização, no decurso do séc. XX, é sintetizado pelo autor, através de uma comparação entre as cidades norte-americanas e as europeias, tornando mais nítidas diversidades e contrastes. Em termos analíticos, é um ciclo que vai da cidade industrial à cidade metrópole, passando pela suburbanização e, mais recentemente, pela reurbanização. O autor baseia-se em três variáveis fulcrais definidas e utilizadas pelos fundadores da sociologia urbana, na análise da cidade moderna e industrial da transição do séc. XIX para o séc. XX: dimensão, densidade e diversidade.

⁵ Reporta-se a uma rede global de cidades, fisicamente descontínuas mas funcionalmente interligadas.

Após este percurso o leitor chega ao conceito de “nobilitação urbana” (Cap. III) que traduz hoje, após vários anos de debate científico entre diversos autores de diferentes países, o de *gentrification* e que o autor já utilizava, no início dos anos 90 do século passado, como “(...) um analisador fulcral de dinâmicas em torno da reprodução social e, de entre as várias actividades da reprodução social, as actividades de consumo.” Estavam então em causa no “processo de *gentrification*” indícios de mudança social e cultural que iam além da vida quotidiana dos seus protagonistas, para contaminarem o “conjunto da estrutura social das sociedades ocidentais contemporâneas (...), distintamente interiorizadas pelos vários grupos sociais, com efeitos também diferenciados nas respectivas práticas, valores e experiências quotidianas.” (Rodrigues, 1992: 92, 93).

Tratava-se, portanto, de um processo assente em estratégias residenciais distintivas por parte de determinados grupos sociais, cujos estilos de vida valorizavam a habitação no centro histórico da cidade, nomeadamente alvo de processos de reabilitação arquitectónica e se traduziam em formas específicas de apropriação do habitat (em termos de objectos, mobiliário e tipos de decoração).

Em relação a este conceito central, vale a pena ler atentamente a interessante síntese sobre debates e evoluções científicas que o autor propõe, a partir da definição inicial de Ruth Glass, para, em seguida, reter a atenção quer nas questões analíticas que se colocam actualmente, quer nos traços essenciais que caracterizam as três fases diferenciadas da sua evolução e ainda na tipologia das modalidades de nobilitação urbana definida.

Assim, em termos analíticos, o autor adoptou uma visão histórica e cronológica baseada na espacialização e em escalas de nobilitação urbana. Propôs-se ultrapassar e repensar dicotomias analíticas que opõem explicações “na óptica da oferta, da produção e do capital versus as abordagens sob o prisma da procura, do consumo e da cultura.” (Rodrigues, 2010: 122) E considerou a nobilitação urbana como reveladora de um processo mais alargado de reurbanização, que engloba factores de continuidade do desenvolvimento económico e urbano, e de ruptura, decorrentes da reestruturação das economias e das cidades actuais.

Tal postura analítica permitiu, justamente, dar conta de três vagas em termos de evolução do processo de nobilitação urbana que importa explicitar brevemente.

Na primeira vaga (décadas de 1950-1960), observou-se uma nobilitação esporádica e em pequena escala e os seus protagonistas possuíam alguns traços distintivos: pertenciam a um ideal tipo de classe média e média alta, recusavam o designado estilo de vida suburbano, valorizando em contrapartida a “cidade interior” histórica, que consideravam mais humanizada; atribuíam importância ao comércio de proximidade e às relações de vizinhança e entendiam a cidade interior como um espaço de emancipação e liberdade de expressão de culturas e estilos de vida. Eram sobretudo “(...) jovens adultos das profissões intelectuais e artísticas, das actividades criativas, os grupos domésticos de uma ou duas pessoas, as mulheres com actividade económica ligada àquelas profissões, casais de dupla carreira profissional, ou vivendo sós, e as pessoas com orientação homossexual.” (Rodrigues, 2010: 124)

Na designada “fase de ancoragem” (décadas de 1970-1980), a nobilitação urbana consolidou-se e configurou-se como manifestação de processos de reestruturação económica e urbana mais vastos. Assistiu-se ao seu alastramento em cidades como Londres e Nova Iorque, assim como noutras cidades europeias. Observou-se ainda um alargamento social dos seus protagonistas, e uma preocupação dos poderes públicos locais e dos agentes imobiliários com o investimento na cidade interior. Em países como os EUA, a Inglaterra e a Alemanha, ensaiava-se uma “(...) primeira versão de políticas públicas subsidiando a transformação do ambiente urbano construído pela via do mercado privado.” (Rodrigues, 2010: 126) Este tipo de políticas permitiu uma intensificação dos processos de nobilitação com subsequente reestruturação urbana e recomposição do tecido social e económico.

Em contrapartida, em Portugal (na década de 1980 e primeira metade de 1990), o objectivo das políticas públicas locais era o de conter a nobilitação, já que o financiamento público investia apenas em programas pontuais nas cidades interiores, sem qualquer política integrada à vista.

Finalmente, na terceira vaga (anos 1990 até à actualidade), assiste-se a uma “nobilitação generalizada”, reconhecível através de estudos vários sobre diferentes regiões do globo, dando conta quer da avaliação de

impactos da actual fase de globalização, quer de especificidades locais em contextos mais precisos. É a fase em que a nobilitação urbana se assume então como uma estratégia global.

Em suma, para o autor, trata-se de saber se, a actual fase de nobilitação urbana contribui para a reurbanização a que se assiste e “em que medida estão a resultar, daqueles processos, recomposições da textura social das cidades, visíveis em alterações das estruturas dos grupos socioeconómicos e demográficos, mas também dos estilos de vida, alguns dos quais são, precisamente, protagonistas da nobilitação urbana.” (Rodrigues, 2010: 135)

Este enquadramento permite a Walter Rodrigues efectuar a sua ilustração, nomeadamente sobre o acréscimo/decréscimo populacional e a estrutura dos fluxos migratórios em Lisboa, analisando dados estatísticos, para comprovar a sua tese de que o ciclo mais recente corresponde, justamente, a uma fase de reurbanização. Tal ilustração passa ainda pela análise da reestruturação económica e mudança urbana, pela ideia da polarização e fragmentação no que toca à recomposição do tecido social e urbano da cidade de Lisboa e pelas modalidades de nobilitação urbana que nela se observam, o que permite ao autor a definição de uma tipologia.

A tipologia proposta dá conta, em Lisboa, de traços diversos que distinguem uma “nobilitação pontual” na zona histórica mais antiga, na cidade medieval e seus prolongamentos; uma “nobilitação clássica”, nomeadamente nas zonas da Baixa, Chiado e Bairro Alto, mas também freguesias circundantes. Neste caso, a recuperação urbanística do Chiado, na sequência do incêndio de 1988, vem permitindo uma crescente nobilitação residencial e económica, por parte de protagonistas de novos estilos de vida; uma “nobilitação urbana intermédia”, fora da zona histórica, mas ainda na área mais central; uma “nobilitação geograficamente intermédia”, mas ainda integrada no centro principal (freguesia do Alto do Pina, onde surgiram novas urbanizações de estatuto médio-alto e alto, próximo do Areeiro, em certa medida em S. Domingos de Benfica e, na freguesia do Lumiar, onde residem sobretudo famílias nucleares/ casais com filhos)⁶ e uma “nobilitação emergente”, observável na requalificação urbanística da frente ribeirinha entre o Cais do Sodré e Belém-Algés.

De facto, ainda que as vias imobiliárias que originam a nobilitação sejam diferentes, observa-se como traço comum “um significativo crescimento dos estratos do topo da hierarquia dos grupos socioeconómicos nessas áreas urbanas” (Rodrigues, 2010: 237).

Em nosso entender, esta tipologia apelava a uma maior ressonância da voz dos informantes privilegiados e dos próprios actores residentes, em necessário cerzimento com os estilos de vida, já que as escolhas neste âmbito, assumem um papel relevante na “recomposição do tecido social da cidade” (Rodrigues, 2010: 241).

Ora, os estilos de vida são, justamente, o cerne da análise no último capítulo deste livro.

O autor começa por sublinhar a necessidade de clarificar o conceito que é um termo na moda e de lata utilização em diversas disciplinas. Percorre, com alguma exaustividade, a historicidade teórica e científica do conceito, partindo do primeiro autor que o utilizou – Simmel⁷. Esclarece confusões entre o conceito de estilo de vida e o de modo de vida, e chama a atenção para o relevante trabalho que Bourdieu desenvolveu neste âmbito⁸, sem deixar de reflectir criticamente ao considerar que “os estilos de vida não decorrem das classes, ou das fracções de classe, como sugeria Bourdieu (...). Também não concorrem com elas, como pretendem outras perspectivas teóricas.” (Rodrigues, 2010: 258) Refere ainda que os estilos de vida não se reduzem às “escolhas de consumo”, reportam-se, antes, na linha do que defende Giddens, a “escolhas na vida”. Torna-se perceptível que o autor adopta a concepção proposta por Giddens, que entende “o estilo de vida como um conjunto mais ou menos integrado de práticas que um individuo adopta, não apenas porque essas práticas preenchem necessidades utilitárias, mas porque dão forma material a uma narrativa particular de identidade pessoal” (citado por Rodrigues, 2010: 259).

⁶ Refira-se que em algumas destas zonas havia habitação degradada e a população aí residente foi, em parte, alojada em habitação social na freguesia e outra foi também para habitação social, mas em zonas mais periféricas.

⁷ Em *A filosofia do dinheiro*, de 1907.

⁸ Primeiro em *Esquisse d'une théorie de la pratique* (1972) e, em seguida, naquele que é considerado o primeiro estudo sociológico aprofundado sobre os estilos de vida, com *La Distinction* (1979).

Assim, Walter Rodrigues defende como principais traços dos estilos de vida: a subjectividade da acção individual, as margens de liberdade e de criatividade dessa acção, que permite aos indivíduos fazerem escolhas, optarem, tomarem decisões, sobre as diversas dimensões da sua vida pessoal e em relação à humanidade. Então, na época actual, os estilos de vida possuem também uma dimensão de transitoriedade e de relativa instabilidade, assim como uma exigência de reflexividade, flexibilidade e plasticidade, pois são processos dinâmicos em construção. Como sublinha o autor, “aumentar os graus de liberdade de escolha, e a capacidade de decisão, e alargar o leque de possibilidades de opção, constitui, por isso mesmo, uma fonte crucial de provimento de poder, e de liberdade individual que consubstancia a concretização do projecto civilizacional da modernidade.” (Rodrigues, 2010: 271) Impõe-se ainda referir que esta concepção de estilos de vida propõe-se ultrapassar uma concepção do tempo baseada numa dicotomia clássica assente na distinção entre tempo de trabalho e tempo de lazer. O que quer dizer-se é que, “os indivíduos procuram, cada vez mais, a negociação entre a sua percepção subjectiva do tempo, as suas agendas do quotidiano, os seus calendários e planos de vida, e as estruturas objectivas do tempo (tempo social e tempo dos subsistemas)⁹.” (Rodrigues, 2010: 268)

Em síntese, o que Walter Rodrigues defende nesta obra é que um dos principais efeitos das dinâmicas de transformação da cidade-região de Lisboa e, sobretudo, do seu centro urbano, nas duas últimas décadas é, sem dúvida, o da nobilitação do seu tecido social e urbanístico. O centro de Lisboa mantém-se visivelmente como eixo estruturador fundamental da vida urbana da cidade, detentor de características distintivas, quer em termos morfológicos, quer funcionais, e do seu tecido social, quer ainda ao nível do crescente cosmopolitismo e diversidade dos seus estilos de vida. O autor defende então a tese de a cidade em transição se encontrar num novo ciclo urbano, o de reurbanização.

Como se pôde observar através da breve panorâmica traçada, esta é uma obra incontornável, de enorme consistência teórica, no que concerne às problemáticas da transição, nobilitação urbana e estilos de vida.

BIBLIOGRAFIA

Rodrigues, W. (1992), “Urbanidade e novos estilos de vida”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, n.º 12, Lisboa: Celta Editora.

Rodrigues, W. (2010), *Cidade em Transição. Nobilitação Urbana, Estilos de Vida e Reurbanização em Lisboa*, Lisboa: Celta Editora.

Lipovetsky, G. e Serroy, J. (2010), *A Cultura-Mundo. Resposta a uma sociedade desorientada*, Lisboa: Edições 70.

⁹ O autor utiliza uma interessante tipologia de estruturação do tempo elaborada por Horning e outros (1990/1995) que distingue: i) “tempo social” – que se reporta aos padrões sociais e culturais vigentes; ii) “tempo industrial”, que se reporta ao “tempo dos subsistemas”, isto é, à divisão do tempo de trabalho, escolar, familiar, etc e iii) “tempo subjectivo”, que remete para o domínio da experiência e interpretação individual e subjectiva do tempo. (Cf, Rodrigues, 2010: 267).